

FAZENDO O PAPEL DE DEUS

-- Ah, você apareceu, Helen -- disse a mãe ao vê-la entrar pela porta da frente.
-- Estava me perguntando onde você estaria.

Helen, de oito anos de idade, ficara ali na plataforma da estação de trem, observando os soldados desembarcarem dos vagões e serem alegremente recebidos por seus familiares e amigos. A Segunda Guerra Mundial havia finalmente terminado e muitos soldados estavam voltando para seus lares e países. Helen imaginou como seria legal se o seu pai também tivesse desembarcado daquele trem. Mas sabia que isso não aconteceria, porque ele havia morrido na guerra.

-- Fui ver os soldados que voltaram. Todas as famílias estavam tão felizes por estarem todos juntos novamente. Tinha gente cantando. Até tinha uma menina da minha idade dando as boas-vindas ao pai.

-- Estou muito feliz por a guerra ter terminado! – disse Helen.

-- Eu também -- respondeu a mãe, abraçando a filha.

-- Você se importa de me ajudar a colocar água para ferver para fazermos um chá? -- perguntou a mãe. -- O jantar está quase pronto.

Helen encheu a chaleira com água.

-- Enquanto eu estava lá na estação de trem, estava pensando... -- começou a dizer um tanto hesitante.

-- Em quê?

-- Eu gostaria muito que o papai também tivesse voltado da guerra. Tenho muitas saudades dele. Mas não me sinto triste por ele, porque sei que está no Céu. E nós não somos as únicas pessoas que perderam alguém na guerra. Tem a Sra. Elza que mora do outro lado da rua. Parece que quase sempre que passo por lá, ela está chorando.

-- É, meu bem -- disse a mãe. Sentimos muitas saudades do papai, e dói ele não estar conosco, mas Jesus está cuidando de nós. Ele nos deu uma casa para morarmos, temos comida em todas as refeições, o sol brilha, e a minha Helen ainda sorri.

Mamãe fez cosquinhas em Helen e ela riu.



SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial é considerada uma das guerras mais devastadoras de toda a História, em termos de destruição e vidas perdidas. Começou como um conflito europeu, mas logo incluiu muitas outras nações do mundo – especialmente os Estados Unidos e o Japão. Durou quatro anos, e terminou em 1945.

-- Mãe eu queria que os outros sentissem o mesmo consolo que recebemos de Deus. Como podemos ajudar as outras pessoas a serem mais felizes?

-- Elas precisam ver o amor de Deus traduzido em ações -- respondeu a mãe.

-- Como assim?

A mãe parou de cozinhar, se agachou e segurou as mãos de Helen.

-- Digamos que eu quisesse que você contasse às pessoas que não nos conhecem como eu sou. Como você faria isso?

Helen pensou por um momento.

-- Talvez eu pudesse fazer um desenho de você, e assim elas saberiam -- disse Helen.

-- Muito bem. E se Deus nos pedisse para mostrarmos como Ele é aos outros, como você acha que poderíamos fazer isto?

Helen parecia confusa.

-- Olha, podemos lhes dizer o que Ele diz na Bíblia. Mas não posso desenhá-LO porque nunca O vimos.

-- É verdade, não sabemos como Ele é. Mas será que sabemos como Ele age? O que é Deus? Deus é...

-- Amor -- respondeu Helen.

-- Então o que podemos fazer para ajudar as pessoas a saberem como Deus é e o que Ele é?

-- Ser amáveis com elas?

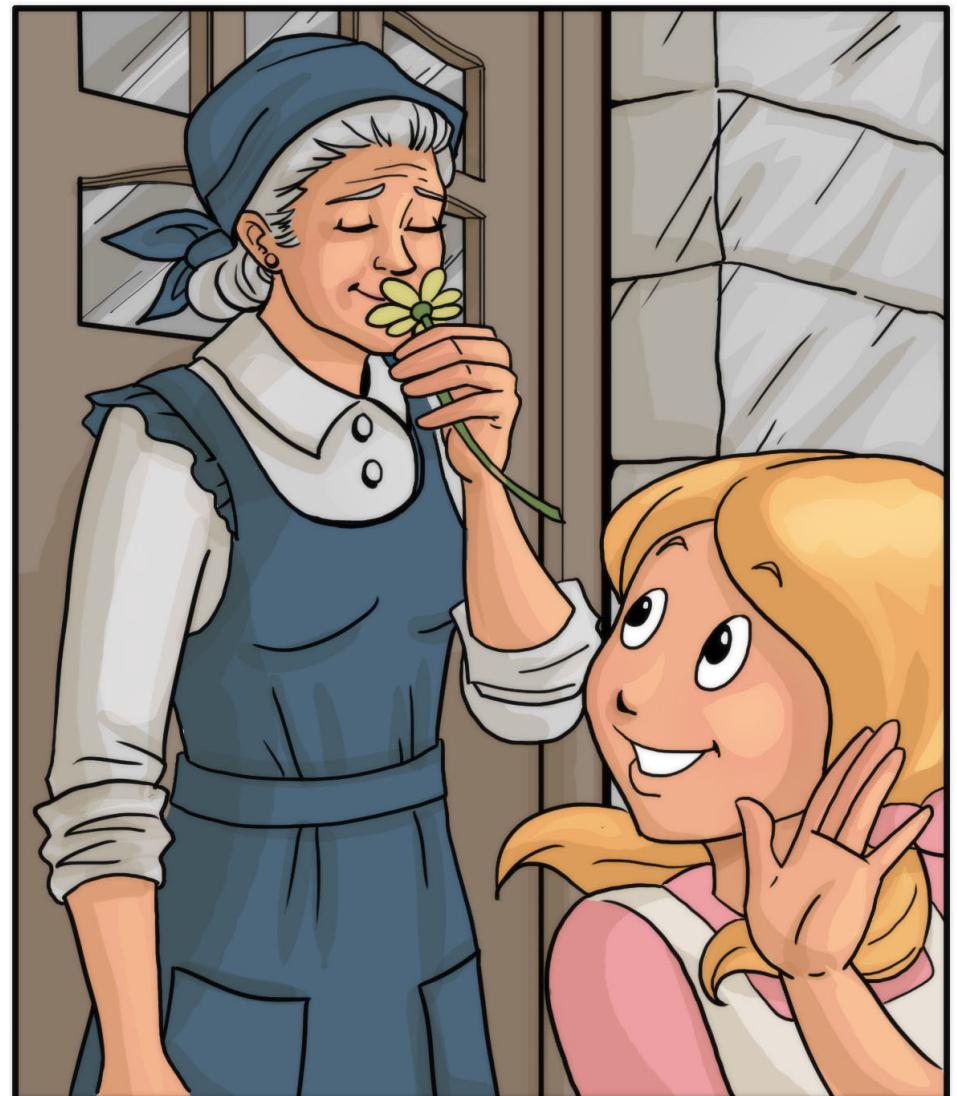
-- Isso mesmo, meu bem. E quando as pessoas virem você agir como Deus ao ser amável, elas vão querer saber mais sobre Ele.

-- Vou fazer isso, mamãe. Vou tentar agir como Deus fazendo algo amoroso cada dia. Talvez amanhã eu possa levar flores para a Sra. Elza e ver como ela está.

A mãe abraçou Helen.

No dia seguinte, depois da escola, Helen correu para casa da Sra. Elza.

Toc, Toc!



-- Boa tarde, Sra. Elza. Trouxe isto para a senhora. Suas palavras alegres fizeram o rosto daquela senhora idosa se alegrar, que estendeu uma mão fraca para receber a flor amarela.

-- Oh, muito obrigada -- respondeu a Sra. Elza surpresa.

-- Tenha um bom dia! Até amanhã! -- disse Helen saltitando rua abaixo.

Ao chegar em casa, Helen pegou o seu diário e escreveu no topo de uma página "Fazendo o Papel de Deus", e debaixo do título escreveu "Dei uma flor para a Sra. Elza". Cada dia da semana Helen tentou fazer algo para "fazer o papel de Deus" para alguém. Logo a página do seu diário tinha mais seis frases:

-- Ajudei a Sra. Amélia a recolher a roupa do varal antes da chuva.

-- Brinquei de pega-pega no parque com o menino da cadeira de rodas.

-- Dei um abraço na Sra. Elza.

-- Perdoei a minha irmãzinha quando ela me bateu.

-- Li para o vovô, porque os olhos dele estão doendo muito.

-- Fiz a cama da mamãe.

Helen sorriu ao reler a lista. Ela se sentia tão feliz de saber que, do seu jeitinho, estava mostrando para as pessoas como Deus é.

Depois de fazer algo gentil cada dia por várias semanas, as frases no caderno de Helen começaram a ficar cada vez mais longas e frequentes. Um dia anotou: "Finalmente disse para Henrique (o menino da cadeira de rodas) que Jesus morreu para que conhecêssemos o amor de Deus e pudéssemos estar com Ele no Céu. Ele disse que também queria conhecer Jesus! Hoje orei com o Henrique."

Aos oito anos de idade, os gestos de amabilidade de Helen começaram a mudar as pessoas ao seu redor.

Um dia, Helen viu um jovem jogando pedras na lagoa, parecendo bastante transtornado.

-- Oi -- disse Helen. -- Está um dia lindo, não está?

-- Está um dia horrível, e eu prefiro não conversar -- respondeu o jovem.

Helen sorriu.

-- Você quer? -- perguntou ela, abrindo a bolsa que carregava e deu para ele três torteletes de geleia fresquinhas.

-- Minha mãe que fez e acho que você vai gostar.

E afastou-se saltitando.



Alguns dias depois, quando estava andando com a mãe, Helen encontrou de novo o jovem. Desta vez ele agradeceu a Helen e sua mãe pelas torteletes de geleia, e disse que se chamava Felipe.

A mãe de Helen o convidou para ir à casa delas e comer mais torteletes, e foi então que ele se abriu e contou o que estava afligindo tanto seu coração.

-- Quando era criança eu sonhava ser muitas coisas -- começou dizendo. Um desses sonhos era ser piloto, e assim que tive idade para isso, me alistei na aviação, onde aprendi a pilotar.

-- Mas aí começou a guerra. Meu melhor amigo e eu éramos pilotos na guerra. Em uma de nossas missões o avião dele caiu e eu nunca mais o vi -- disse, e começou a chorar.

-- Helen, no dia em que você me deu as torteletes de geleia era o dia de aniversário dele.

-- Acho que temos uma noção de como você se sente -- disse a mãe de Helen afagando gentilmente o braço de Felipe.

-- Meu pai também morreu na guerra -- explicou Helen.

Felipe fez amizade com Helen e sua mãe e começou a visitá-las frequentemente. Durante

as visitas, muitas vezes Helen contava histórias de como ela via o amor de Deus através das coisas que aconteciam com ela. Outras vezes lia com ele sua Bíblia infantil preferida, e um dia ele também orou para Jesus o ajudar e estar com ele.

Depois disto, Felipe começou a falar aos seus amigos soldados sobre Jesus e Helen. Algumas vezes a mãe de Helen encorajava Felipe a convidar os amigos para irem jantar na casa delas ou para fazerem algo divertido, e era uma oportunidade para aprenderem mais sobre Jesus.

Com o tempo, ocorreu uma mudança positiva na cidade onde Helen morava. As pessoas a conheciam como "a menina que espalhava amabilidade". Cidades vizinhas também logo ouviram falar de sua influência, e outras meninas e meninos resolveram fazer o que ela fazia.

Helen já não fazia mais apenas uma ou duas coisas amáveis por dia; na verdade ela quase perdia a conta. Mas no final do dia ainda anotava as coisas amáveis que lembrava, e logo tinha vários pequenos cadernos de registros.

Os anos se passaram, e quando Helen já estava idosa e de cabelos brancos, teve um pequeno vislumbre da influência que teve na vida dos outros.

Apoiada em sua bengala, foi lentamente atender a porta. Abriu e viu três rostinhos sorridentes olhando para ela. Uma criança lhe entregou uma flor que tinha na mão.

-- Bom dia, senhora! -- disseram as crianças em coro. -- Queremos lhe dar esta flor e lhe desejar um bom dia.

Helen se lembrou de sua primeira ação amorosa, tão parecida com aquela.

-- Puxa, que amável. Quem teve essa ideia? -- perguntou.

-- Nossa professora -- respondeu uma das meninas. -- Ela disse que quando era criança sua mãe lhe contou a história de uma menina que fazia algo gentil para alguém cada dia, e logo a cidade inteira estava muito mais feliz.

-- Nossa professora disse que devíamos tentar fazer o mesmo -- disse a segunda menina.

-- E estamos começando com a senhora -- disse a terceira.

Helen abraçou cada criança. Ela não tinha ideia da extensão de sua influência, mas continuava. Seus gestos de amabilidade continuavam a levar alegria aos outros.

Escolha um dia para “fazer o papel de Deus.” No decorrer do dia, faça uma lista de cada gesto amável que fizer.

